



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

DIEGO DE SOUSA SANTOS

**“O ‘SER’ SERTÃO, A CIÊNCIA EUCLIDIANA: PENSANDO A SOCIEDADE EM
CATEGORIAS CIENTÍFICAS”**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

DIEGO DE SOUSA SANTOS

**“O ‘SER’ SERTÃO, A CIÊNCIA EUCLIDIANA: PENSANDO A SOCIEDADE EM
CATEGORIAS CIENTÍFICAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Jomar Ricardo da Silva

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237s Santos, Diego de Sousa.

O 'ser' sertão, a ciência euclidiana [manuscrito] :
pensando a sociedade em categorias científicas/ Diego de Sousa
Santos. – 2012.
25f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais”.

1. História. 2. Os sertões - Obra. 3. Euclides da Cunha. I.
Título.

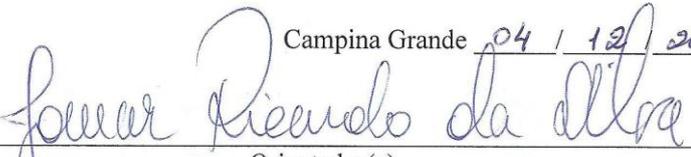
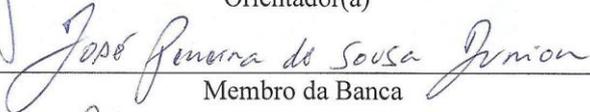
21. ed. CDD 900

DIEGO DE SOUSA SANTOS

“O ‘SER’ SERTÃO, A CIÊNCIA EUCLIDIANA: PENSANDO A SOCIEDADE EM CATEGORIAS CIENTÍFICAS”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 04/12/2012.

Campina Grande 04 / 12 / 2012

Orientador(a)

Membro da Banca

Membro da Banca

“O ‘SER’ SERTÃO, A CIÊNCIA EUCLIDIANA: PENSANDO A SOCIEDADE EM CATEGORIAS CIENTÍFICAS”.

SANTOS, Diego de Sousa¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar na obra “*Os sertões*” de Euclides da Cunha, em sua primeira versão no ano de 1902, os indícios de como este constrói em sua escrita as concepções de ciência e mestiçagem para o sertanejo e sua composição étnica. Tal análise está contextualizada no momento histórico demarcado pelo limiar da passagem do século XIX ao XX, no qual a ciência pautada nas noções de progresso e modernidade tem sua defesa nos ideais republicanos, que buscam nas teorias científicas, suas fundamentações para definir o que é o Brasil a partir dos padrões de uma Europa “civilizada”. Neste contexto, temos em nosso objeto, a escrita de Euclides da Cunha, possibilidades para compreender o momento histórico referido, visto que o ideário de ciência e de mestiçagem de seu tempo dão forma a sua obra. Para esta prática utilizamos como referencial teórico metodológico Chartier (1990) e Moscovici (2003), dos quais nos apropriamos do conceito de *derepresentações sociais* através do método indiciário de Ginzburg (1989). Segundo Galvão (2000), ao estudarmos a obra “*Os Sertões*”, analisamos o pensamento do autor, captando em sua escrita o que o mesmo define como ciência e, partindo disto, entendemos como esta se faz presente na construção de uma moral para a sociedade.

Palavras-chave: Euclides da Cunha. Ciência. Mestiçagem. Representações.

¹ Graduando em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), participante dos projetos PIBIC cota 2010 – 2011 e Propesq cota 2010 – 2012, intitulados “AS CONCEPÇÕES SOBRE ETNIA NO SÉCULO XX: UMA DISCUSSÃO ENTRE LIMA BARRETO, EUCLIDES DA CUNHA E MANOEL BOMFIM”.

diego.sousa.s@gmail.com

1.0 INTRODUÇÃO

No dia 15 de novembro de 1889 o processo histórico de lutas e transformações que almejavam a construção de um Brasil nação pautado nos ideias do progresso e da ciência, tem na Proclamação da República um importante marco histórico concretizado.

Os olhares das elites nacionais se voltam para o progresso e buscam, através deste, a legitimidade a ser usada para justificar a realidade social vigente no país, a busca por um modelo a ser seguido, traz da Europa “civilizada” as teorias que definem o caráter da nação, nestas o Brasil precisa modelar, sua gente sua trajetória, sua história.

A escravidão “mancha” em nosso passado, deve ser esquecida. O Império, marca de nossa submissão colonial, deve ser superado. A República, surge para o pensamento elitista da época como um novo momento de glória, no qual se deve construir e por em prática um novo projeto de nação.

Nesse contexto, observa-se que os sujeitos inseridos nesta história devem ser tornados brasileiros e as “raças” presentes, nesta sociedade miscigenada, devem se enquadrar no perfil do “civilizado”, que preconizava um progressivo embranquecimento.

O modelo de progresso adotado pauta-se na ciência moderna, esta a ser vista como fonte de saber e definidora das ações republicanas. Apropriar-se desta como paradigma é tornar o país moderno, uma nação, um povo.

E é neste Brasil republicano que surgem e crescem os escritos de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, nascido na então capital do Império na cidade do Rio de Janeiro em Cantagalo - RJ, no dia 20 de janeiro de 1866, durante o período histórico conhecido como Segundo Reinado². Euclides da Cunha, nome como o escritor se tornaria conhecido, tem em sua trajetória uma formação diversa, ingressando em 1885 na Escola Militar da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, no curso de Estado-Maior e Engenharia Militar.

² Entendemos que o período compreendido ao que se convencionou na historiografia nomear como Segundo Reinado abrange de 1840–1889, período em que D. Pedro II atinge a maioridade e assume o trono no então Império, no entanto temos que a terminologia se encontra em desuso por consideramos a história do Brasil Império de forma contínua em uma linearidade na sucessão real.

No ano de 1888, sua matrícula na Escola Militar da Praia Vermelha é trancada, face ao ato de protesto durante uma visita do Ministro da Guerra, conselheiro Tomas José Coelho de Almeida, Ministro do último gabinete conservador da monarquia. É desligado do Exército sob o pretexto de incapacidade física. Convidado, passa a escrever no jornal “*A Província de São Paulo*”, hoje “*O Estado de São Paulo*”, jornal engajado na Campanha Republicana. O artigo “A pátria e a dinastia”, publicado no dia 20/12/1888, marca sua estreia jornalística.

Retornando em 1889 à Escola Militar da Praia Vermelha, graças ao apoio de seu futuro sogro, o major Sólon Ribeiro, Euclides da Cunha é reintegrado a carreira militar, concluindo o curso na Escola Superior de Guerra em 1892, sendo promovido a tenente, seu último posto na carreira. Segue nesta até pedir desligamento no ano de 1896, desligamento no qual o mesmo pretendia dedicar-se ao cunho jornalístico e a carreira de engenheiro, passando a atuar como auxiliar de ensino teórico na Escola Militar do Rio.

Sua trajetória militar tem seu fim, e em 1897, passa a colaborar no jornal “*O Estado de São Paulo*”. cobrindo a 4ª Expedição contra Canudos, como correspondente. Em seus artigos, afirma sua certeza na vitória do governo sobre os conselheristas. O Presidente Prudente de Moraes, o nomeia adido do estado-maior do Ministro da Guerra coincidente fato com o período da então Revolta de Canudos³.

Na então campanha militar o correspondente jornalístico passa a escrever o que posteriormente viria a se tornar a obra “*Os sertões – Campanha de Canudos*” publicada em sua primeira versão no ano de 1902.

Usando como parâmetro a escrita euclidiana, nos detemos a sua produção para inferir sobre os pressupostos apresentados em sua escrita acerca da formação sócio-cultural e étnica do sertanejo, pensando como o escritor trabalha em seu texto uma produção voltada para a ideia de progresso republicano, dando ênfase a sua descrição naturalista em busca de uma ciência que explique a formação das “raças” que compõem o perfil étnico do sertanejo e como cada “sub-raça” apresenta suas

³ A Guerra de Canudos ou Campanha de Canudos foi o confronto entre o Exército Brasileiro e os integrantes do movimento popular de fundo sócio-religioso, liderado por Antônio Conselheiro, que durou de 1896 a 1897, na então comunidade de Canudos, no interior do Estado da Bahia, no “nordeste” do Brasil.

contribuições positivas e negativas na visão do escritor para a composição do que chamamos de “ser sertão”.

Em sua obra “*Os Sertões*” (1902), Euclides interpreta a História a partir do determinismo do meio físico e da raça, pensamento vigorante na passagem do século XIX para o XX e que era consumido em sociedade para justificar o atraso social dos países, principalmente na América portuguesa, marcada por uma miscigenação entre as “raças” branca, negra e indígena.

Seus escritos em “*Os Sertões*” nos trazem indícios desta sua percepção, onde o mesmo subordina a evolução cultural de um povo à evolução biológica, considerando a mestiçagem com o negro prejudicial a formação do povo brasileiro.

Os mestiços são vistos como “sub-raças” retrógrados, raquíticos e neurastênicos, incapazes de concorrer para o progresso brasileiro. Só poderiam superar seus “defeitos” se fossem segregados, evitando-se novas fusões com o sangue negro. Euclides diferencia a mestiçagem do povo sertanejo afirmando que a ausência predominante do elemento negro o transformava em uma “sub-raça” de homens da caatinga, herdeiros de raça forte “a branca” miscigenada com o elemento indígena.

2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CIÊNCIA E SENSO COMUM

Em um estudo amplo das chamadas teorias das representações sociais, temos em sua conceituação teórica, aplicabilidade em diversos campos de conhecimentos. Acerca de sua inferência dentro do campo historiográfico, analisamos diversos estudos que objetivam focalizar as ações e seus sujeitos dentro de fatos coerentes como em um contexto universalizante, e em decorrência disto, epistemologicamente factual e definidor de ações.

Centrando a análise conceitual dentro da categoria científica na qual o conceito de representação surge, veremos que sua significação restringe seu objeto ao estudo da psicologia social, decorrente das atribuições definidas em um campo

chamado o poder das ideias⁴ e suas correlações com o que chamamos de conhecimento científico e senso comum ou empirismo.

Seriam, portanto, dentro da psicologia social as ideias e seus decorrentes o grande foco do teórico das representações sociais advindas da sociologia de Emile Durkheim⁵ e reformuladas na teoria do romeno Serge Moscovici. Seus estudos objetivam definir o que chamamos de crenças e ações dentro do meio social, uma oportuna consideração dentro destes estudos. Para o autor, a interação ou interações entre pessoas, constroem o conhecimento cotidiano em um parâmetro de constituições de sistemas de valores sociais e culturais.

Entendendo desta forma, passamos para uma compreensão ampla vista na psicologia social onde as normatizações, decorrentes da assimilação de padrões são formas de construções de identidades de grupos que a partir de tais valores normatizados estabilizam seus arranjos sociais, mentais e, portanto, representações, não de uma realidade constitutiva, mas de práticas que se imbricam na construção desta realidade, antes mental e de forma essencial abstrata dentro do campo psicanalítico, decorrendo a posterior para a aglomeração dos saberes a estes ligados.

Tendo estes parâmetros de representação no campo historiográfico, nos centramos ao conceito apresentado pelo historiador Roger Chartier, que nos apresenta uma definição voltada para a relação entre representação, prática e apropriação, discutindo a partir destas como os sentidos do mundo social se estabelece nas categorias intelectuais.

⁴ Enquanto Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações (2003, p. 15). Duveen, G. (2003). Introdução: O poder das ideias. In S. Moscovici (Ed.), Representações sociais: Investigação em Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes.

⁵ Émile Durkheim (1858-1917) é considerado um dos fundadores da Sociologia moderna, tendo sido o precursor da escola francesa, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica. É amplamente reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social. Partindo da afirmação de que "os fatos sociais devem ser tratados como coisas", forneceu uma definição do normal e do patológico aplicada a cada sociedade, em que o normal seria aquilo que é ao mesmo tempo obrigatório para o indivíduo e superior a ele, o que significa que a sociedade e a consciência coletiva são entidades morais, antes mesmo de terem uma existência tangível. Essa preponderância da sociedade sobre o indivíduo deve permitir a realização deste, desde que consiga integrar-se a essa estrutura.

Aplicando esta visão de Roger Chartier em nosso objeto de estudo, na obra “Os Sertões” escrita na passagem do século XIX ao XX em um contexto de mudanças sociais e políticas no Brasil republicano, almejamos referenciar como se delimita conceituações teóricas e senso comum em articulação as representações de sociedade, etnia e ciência.

Euclides da Cunha escreve sua obra dentro de uma realidade teórica, onde ciência e sociedade se misturam, alavancando questões científicas formuladas a partir de uma moral e um lugar social⁶, desta forma seu pensar carrega consigo uma sociedade pautada nesta dualidade entre ciência e senso comum, perspectiva que observamos em seus questionamentos e que permeia a sua obra literária.

2.2 Conceitos de representação e apropriação.

Para realizarmos uma interpretação dos aspectos relativos às concepções sobre etnia e ciência na passagem do século XIX para o XX, tendo como base os escritos de Euclides da Cunha, utilizaremos o conceito de representação e apropriação constituído por Roger Chartier, analisando como a relação apresentada entre ciência e senso comum constituída nas representações sociais possibilita um olhar questionador, utilizaremos na definição da relação entre de ciência e senso comum Serge Moscovici (2003), este que nos possibilita uma leitura da obra e da escrita de Euclides da Cunha através desta relação.

Relativo ao conceito de representação, na perspectiva de se investigar esse processo, a história cultural contribui pela definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos das posições e interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão (CHARTIER, 1990, p.19). Enquanto operacionalização metodológica dessas representações sociais, como categorias para apreensão do real, Chartier enumera três possibilidades: delimitações das configurações, com as quais são construídas, por diversos grupos, a realidade social; reconhecimento da identidade social que

⁶ Entendemos por lugar social a formação de uma identidade e/ou contrariedade dos sentidos, a formulação do conceito de “lugar social” de Michel Pêcheux tem como base formulações de François Flauhault e nos princípios do dialogismo bakhtiniano, a fim de propor um conceito de “lugar social” que dê conta dos aspectos individuais e sociais que estão presentes na constituição do sujeito do discurso e na instauração de eventos de sentido.

mostra a maneira peculiar de estar no mundo e as posições idiossincráticas e as formas institucionalizadas que alguns “representantes” marcam a existência do grupo, classe ou comunidade.

Neste sentido, veremos que as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Estas se apresentam de formas variáveis de acordo com os grupos que as forjam (CHARTIER, 1990, 17).

Referente à conceituação de apropriação temos para Chartier (1990), uma apresentação de como o mesmo entende e aborda esta como uma trajetória em processo de construção no aspecto de uma história cultural.

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1990, P. 26-27)

A noção de apropriação apresentada pelo autor objetiva uma análise voltada para a história cultural e sua relação com as práticas sociais, estas que delineiam processos de formação de sentidos.

Para alcançarmos as análises das configurações das relações interpessoais nos escritos de Euclides da Cunha, recorreremos a uma análise das representações sobre etnia⁷ e ciência, utilizaremos a obra deste como fonte de pesquisa histórica.

Em relação às configurações, Norbert Elias as entende como a relação do pensamento com as ações dos homens em sociedade, sendo estes suas partes constituintes fundamentais. Essa orientação é um tanto instigante por se perceber, em forma de evidência, as contradições flagrantes entre existência social e

⁷ O conceito etnia deriva do grego *ethnos*, cujo significado é povo. A etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia dos outros. Esta diferenciação ocorre em função de aspectos culturais, históricos, linguísticos, raciais, artísticos e religiosos. Etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território.

intenções, entre o que os homens desejam ser ardentemente e que o são na realidade, enfim, descobre-se um fosso a separar o discurso da prática. A partir das escritas podemos ver as configurações específicas, envolvendo os indivíduos entretecidos em malhas do contexto social. As relações entre estes se dão de tal forma que suas ações não obedecem às deliberações de vontades particulares, mas provêm das regras estabelecidas pelas relações sociais de pura concretude.

Para tanto, identificamos os códigos e regras forjados nos processos sociais para assimilação através de diversas instituições, com a finalidade de instigar a produção de comportamentos e práticas sociais repulsivas representados nas maneiras étnicas-raciais numa sociedade em processo de mudança.

3.0 REFERENCIALMETODOLÓGICO

3.1 Método de procedimento

Através das leituras teóricas e apresentação das fontes de pesquisa, objetivamos através dos indícios encontrados em nosso objeto de estudo na obra “Os Sertões” o uso do chamado método indiciário, desenvolvido na obra de Carlo Ginzburg historiador da conhecida corrente historiográfica chamada de micro-história italiana.

Após o enunciado dos conceitos e a seleção das fontes de pesquisa, passamos a designar o método de procedimento para se chegar ao objetivo determinado, que dada às características da pesquisa, obedecem ao método indiciário. Segundo Ginzburg (1989, p.144), desde a segunda metade do século XIX estava posto um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. O método era utilizado na perícia de obras de arte, com intuito de diferenciar as legítimas das falsas, investigando aspectos aparentemente irrelevantes de um quadro e menos influenciados pelas características da escola a que o autor pertencia.

Ginzburg (1989, p. 147) estabelece uma comparação desse método de Morelli com o da psicanálise e com o que era atribuído a Sherlock Holmes, personagem das

histórias criadas por Arthur Conan Doyle⁸: “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (Wind *apud* Ginzburg, p.145). Freud reconheceu as semelhanças dos métodos: “Creio que o seu método está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos poucos notados ou despercebidos, dos detritos ou ‘resíduos’ da observação”⁹ (FREUD, 1954, p.95). Assim, aplica-se o método indutivo que demonstra ser mais adequado porque estes autores possuem noções e ideias, disseminadas nas suas obras. Ao recolher-se essas proposições particulares, almeja-se configurar uma proposta de nível geral.

Para atingir esse desiderato, inicialmente executou-se o recorte dos conteúdos, de algum modo, já realizado quando da seleção das fontes, conformadas nas obras a serem objeto de investigação. Num segundo momento, em relação ao próprio objeto construído e intenções da pesquisa, assinalaram-se as unidades de conteúdo, que, dadas às metas propostas, formaram uma constelação de sentidos. Assim, a designação das unidades de análise seguiu uma ordem temática ou concernente às estruturas gramaticais como orações e frases, expressando termos particulares sobre as concepções de etnia-raça e ciência.

Este trabalho de pensamento, com a finalidade de configurar as noções de miscigenação e ciências presentes nos escritos de Euclides da Cunha, fez surgir as “categorias históricas”. Consequentemente, estas permitiram ao pesquisador responder as arguições realizadas ao seu objeto. O corolário da relação estabelecida entre o investigador versado na arte de inquirir, a criação da problemática e o conhecimento proporcionado sobre o que se almeja conhecer dentro de uma totalidade possível, constitui-se em segmento do próprio ato da pesquisa.

⁸ Arthur Conan Doyle nasceu na Escócia em 1859 numa família de artistas e literatos. Desde cedo apreciou a literatura, mostrando interesse pela obra Edgar Allan Poe. Na universidade em que estudou Medicina conheceu Joseph Ball, que muito iria lhe influenciar a carreira de escritor, por tratar os doentes através de observações detalhadas das doenças. Na década de 1920 passou a ministrar conferências sobre o espiritismo. Faleceu em 1930.

⁹ Tradução livre do autor.

4.0 DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

4.1 “A CIÊNCIA EUCLIDIANA: PENSANDO A SOCIEDADE EM CATEGORIAS CIENTÍFICAS”.

Em um estudo das representações acerca das concepções de etnia e ciência na obra “*Os Sertões*” de autoria do escritor Euclides da Cunha, temos um parâmetro entre conhecimento científico e senso comum, bem como suas reflexões realizadas a partir dos conhecimentos vivenciados pelo contexto social e devidamente percorridos pelo autor em sua obra, como a percepção da literatura e a repulsa do negro e do ideário de mestiçagem predominante na sociedade do início do século XX, um olhar empírico e confuso sobre a sociedade republicana do início do século.

Euclides da Cunha ingressando na Escola Militar em 1885 e acreditando na ciência e no progresso, tem uma visão sobre a miscigenação das raças para formação do caráter do povo brasileiro, apresentado, assim, no livro “*Os Sertões*”, publicado em 1902 a definição de uma concepção que abrange o regime republicano e a abolição da escravidão.

No entanto, para este autor, segundo Galvão¹⁰ (2009), o caldeamento de raças traria prejuízos à população do país porque mesmo quando a lei do evolucionismo¹¹ assegurava a preponderância dos traços de uma raça superior,

¹⁰ A autora Walnice Nogueira Galvão apresenta em seu estudo na literatura diversos aspectos relativos à produção literária de Euclides da Cunha, publicando em um estudo amplo diversas considerações acerca de suas obras, apresentando uma produção de doze obras voltadas para o escritor, em seu livro “*Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha* (Companhia das Letras, 2009)”, a autora apresenta a perspectiva de um estudo sobre o ambiente republicano e abolicionista dos círculos políticos frequentados por Euclides da Cunha.

¹¹ A Teoria da Evolução tem sua fundamentação criada pelo cientista inglês Charles Robert Darwin e pelo naturalista britânico Alfred Russel Wallace, ambos pensando as espécies como detentoras de características biológicas dos seres vivos, estes que passam por um processo dinâmico em que fatores de ordem natural seriam responsáveis por modificar os organismos vivos levando a estes evoluírem de seres primordiais a complexos em sua estrutura biológica. A publicação dos estudos acerca desta teoria data do ano de 1858. Essa teoria propunha a interpretação do desenvolvimento sociocultural do homem com base no conceito de evolução. Afirmava a existência de uma espécie humana única, que se desenvolve em ritmos desiguais e com diferentes formas de organização (estágios de civilização), variando das mais simples às mais complexas. O ponto máximo do progresso humano teria sido atingido pela cultura ocidental; as demais culturas seriam menos evoluídas, primitivas. Entre os principais estudiosos dessa corrente, destacou-se o inglês Herbert Spencer (1820-1903), responsável pela forma mais radical do evolucionismo sociológico. Introduziu a expressão sobrevivência do mais apto e popularizou, entre 1860 e 1890, o termo evolução. Dois outros importantes filósofos evolucionistas foram Thomas H. Huxley (1825-1895) e Ernst Haeckel

sobre aquelas consideradas enfraquecidas, havia a persistência dos estigmas daquela que estava sendo considerada inferior.

A divergência de opiniões traz no olhar euclidiano as explicações provisórias em modelos possíveis de serem adotados. Como vemos se faz necessário considerarmos seu pensamento em um ecletismo entre a linha tênue que define ciência e senso comum, para tanto observamos em Santos (2005):

Se considerarmos a teoria científica não como verdade acabada, mas como uma explicação provisória, podemos admitir também a possibilidade de outras explicações possíveis, de outros modelos a serem adotados. Adotar uma postura teórica é, pois, ter um guia de conduta para abordar o problema estudado, dentre os inúmeros guias existentes [...] (Santos, 2005, p. 19).

Teremos assim, segundo Euclides que a mistura de raças criaria um tipo de descendente mestiço que se constituía em um ser “desequilibrado” na própria expressão do escritor. Todavia, a miscigenação ocorrida no sertão iria produzir um tipo não degenerado como se efetivou no litoral. O sertanejo preservaria as características da civilização dos mamelucos bandeirantes fixados no interior do nordeste e Amazonas, tendo como vetor a região paulista, sem a mescla do sangue africano e adaptado às condições do país. Euclides da Cunha considerava a si próprio um descendente de celta, tapuia e grego, aspecto que o levaria a estudar os grupos indígenas genuínos (SEVCENKO, 2003, p. 243).

Para discutir a questão da mestiçagem em Euclides da Cunha teremos como análise a obra cujas fontes jornalísticas deram origem a “*Os Sertões*”, onde as percepções de cidadania e militância política estão presentes de forma implícita frente uma importante fase de transição nas políticas nacionais.

Percebemos, com isso, que a análise das insurreições populares representaria nesta obra um caráter de reivindicação destas categorias frente o projeto de “modernização” que assolava as populações pobres do início do século XX.

(1834-1919). Porém, a formulação mais elaborada do evolucionismo social encontra-se na obra de Lewis Henry Morgan (1818-1881), que distingue três estágios de evolução da humanidade: selvageria, barbárie e civilização.

Na abordagem de Euclides da Cunha propomos uma análise conceitual da mestiçagem a partir da ciência e que estava emergindo nas mentalidades dos pensadores do país, uma perspectiva do evolucionismo social¹². A partir da obra de Galvão (2000), veremos um pressuposto desta definição, onde a dificuldade de avaliar as contribuições de brancos, índios e negros para a formação da população do país traria uma visão preconceituosa da suposta participação destas etnias para concepção do povoamento das diferentes regiões do país.

Surgiriam supostamente tipos etnológicos superiores “brancos” que ao cruzarem com outras etnias gerariam “sub – raças” como mameluco ou curiboca, estabilizados por serem cruzamentos entre brancos e índios e o cafuiz (negro com índio) tido com inferior.

Então, a tarefa é “saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si, constituindo, assim, figurações dinâmicas específicas. Só é possível a pista de uma resposta para tal questão se determinarmos as interdependências entre indivíduos” (ELIAS, 2001 a, p.213-214).

Adquirindo o caráter de denunciador da realidade à obra “*Os sertões*” publicada entre 1896-1897 no jornal “*O Estado*” em São Paulo, sendo lançado em 1902 em sua versão completa, onde o autor Euclides da Cunha, traçaria um perfil para o homem “sertanejo” de forma a constituir uma realidade discriminatória e racista. Dividindo sua obra em três tomos o autor irá apresentar as seguintes perspectivas: “A terra – caráter descritivo do lugar e suas características geográficas”, “O Homem – onde o autor descrevera a gênese etnologia do sertanejo e a figura de Antônio Conselheiro como representante deste homem” e “A Luta – caráter final onde será descrita as incursões militares ao arraial de Canudos e sua derrocada frente as tropas republicanas”.

Nestas três abordagens teremos o caráter científico, antropológico e político de Euclides onde a principal perspectiva que nos inquieta é a antropológica, encontrada na passagem “O Homem”. A divisão em tomos da obra obedece a um

¹² Evolucionismo social refere-se às teorias antropológicas de desenvolvimento social segundo as quais se acreditava que as sociedades têm início num estado primitivo e gradualmente tornam-se mais civilizadas com o passar do tempo. Nesse contexto, o primitivo é associado com comportamento anômico, enquanto a civilização é associada com a cultura europeia do século XIX. O Evolucionismo Social tem relação com o darwinismo social e representa a primeira teoria de evolução sócio-cultural.

caráter evolucionista e progressista onde o meio, a raça e o momento são vistos como verdades naturalizadas para uma predeterminação dos sujeitos sociais.

A obra de Euclides apresenta tais características devido ao lugar social do autor, educado e formado em uma escola militar no período republicano. Perceberemos claramente o caráter científico de seu pensamento.

Descrevendo as características do sertanejo de modo determinista e em comparação ao meio geográfico, teremos em sua obra uma delimitação da moral e da idiossincrasia do sujeito em determinação com a miscigenação ocorrida no interior, está apresentada como forma diferenciada da ocorrida no litoral, o sertão ocupado por brancos que miscigenados com indígenas seriam um tipo etnológico diferente do encontrado no sertão.

[...] o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes. A uniformidade, sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída. (CUNHA, 1902, p. 48).

A definição do homem do sertão como uma subcategoria de raça étnica, demonstrada na obra do autor, remete a concepção de “raça” que o escritor concebia em parâmetro com o pensamento científico e discriminatório apresentado na sociedade brasileira.

A perspectiva de degeneração racial fruto dos diversos grupos étnicos indígena, negro e branco, representa para Euclides um retrocesso que descaracteriza a nacionalidade e a civilização. Combater isto seria a alternativa para o progresso, a tipologia física é o mais agravante temos na escrita do autor, uma disparidade entre a suposta valorização do “sertanejo” e uma posterior decrepitude de suas características físicas e morais, advindas da mestiçagem.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase

gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável. (CUNHA, 1902, p. 51).

As descrições claramente pejorativas da figura sertaneja é uma demonstração do caráter discriminatório atribuído ao povo “nortista”, ainda designado desta forma por manter distinção da então modernizada capital da República, onde o verdadeiro padrão de cidadão estava em conformidade com as práticas culturais civilizadas. Seria um pressuposto arianista¹³ a tipologia ideal para o Brasil, seria esta uma fuga da caracterização miscigenada do sertanejo.

A depreciação do sertanejo como etnologicamente inferior ganha caráter avaliativo através das formulações científicas¹⁴ as quais Euclides da Cunha teve acesso, afirmação de uma sociedade etnocêntrica que se pretendia moderna e para tal se apoiava na ciência culminando no que conhecemos como eugenia¹⁵.

¹³ Entendemos por arianismo a doutrina que justifica a desigualdade entre os homens e adverte contra o cruzamento das raças. Arthur de Gobineau (1816-1882), seu mais importante teórico, faz distinção entre as raças semita e ariana. Classifica a primeira como física, moral e culturalmente inferior à ariana - que seria o europeu puro - e, rotula os semitas de inassimiláveis e perversos. Os semitas seriam uma raça híbrida, branca, mas abastardada por uma mistura com os negros. Entre 1869 e 1870, o Conde de Gobineau esteve no Brasil e manteve intensa amizade com o imperador D. Pedro II, discutindo com ele a abolição e a política de imigração. Curiosamente, previu para menos de duzentos anos o desaparecimento dos habitantes brasileiros, condenados pelo crescente processo de miscigenação.

¹⁴ Em sua obra Euclides da Cunha cita antropólogos como Samuel G. Morton (1799-1851), Josiah C. Nott (1809-1873) e George R. Glendon (1809-1873) apresentando como os estudos destes buscavam definir o *homo americanus* diferente em linhagem genética dos hominídeos de origem asiática. Apresentando também estudos de médicos como Nina Rodrigues (1862-1906), considerado o primeiro a estudar cientificamente o negro brasileiro do ponto de vista cultural e biológico, apresenta a tipologia étnica do homem africano como alienígena ao meio natural, buscando valorizar o nativo indígena em preponderância como o ideal na mestiçagem com o elemento branco.

¹⁵ A palavra deriva do grego “eu” (bem) e “genos” (raça, linhagem, espécie) e que, portanto, significa “bem nascido” ou, ainda, de “boa linhagem”, “boa espécie” “eu” (bom) e *genesis* (geração). Pretensa ciência fundamentada nas ideias de Francis Galton, conhecido pela descoberta das impressões

Partindo dos indícios encontrados na obra de Galvão(2000) e tomando por base estes, identificar na obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha as representações de uma realidade constitutiva do pensamento científico, em que se negava a valorização da miscigenação com o “negro”, se torna possível referente à própria historicidade do período em que a obra foi produzida, inserida em um contexto de produções científicas percebemos através de diversos trechos os sentidos da ciência e seus paradigmas vigentes no limiar dos fins do século XIX e início do século XX, no tocante a conjunturas globais e locais referentes ao conhecimento intelectual difundido no Brasil República.

Euclides da Cunha produz em “Os Sertões”, uma obra com forma de relato científico, descreve categorias e teorias dos diversos campos, desde uma geografia analítica e física com pressupostos de Hegel¹⁶, discorrendo sobre o que, segundo ele, o filósofo não citou dentro de suas análises delineadas de categorias geográficas.

Percebemos desta forma a perspectiva de totalidade sobre a qual Cunha (2010) produz e pensa o sertão e o sertanejo, englobando estes em categorias analíticas para relacionar a fatores deterministas, fundamentados na chamada ciência moderna amparada no cientificismo.

Delineando as categorias de raças e sub-raças o pensamento Euclidiano presente em sua obra, nos trás padrões de sociedade que analisados fomentam reflexões de uma estrutura social e intelectual presente na República e que em seus aspectos fundantes, eram propalados sobre a caracterização de saberes necessários para o progresso e “civilização”. Permeado destes conceitos, a obra tem sua tipologia de sujeitos formulada sobre três eixos de “miscigenação” o branco-português, o índio-guarani e o negro-banto.

digitais. Galton defendia a necessidade de o Estado formular um plano com o objetivo de selecionar jovens aptos a procriarem os mais capazes. Propunha a escolha de uma boa raça (a mais pura) ou do bom nascimento, chegando ao extremo de defender a esterilização de doentes, criminosos, judeus e ciganos. A eugenia incentivou experiências desse tipo no Terceiro Reich, que se propôs a elaborar um plano de purificação racial, marca do holocausto judeu.

¹⁶ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (Stuttgart, 27 de agosto de 1770 — Berlim, 14 de novembro de 1831) foi um filósofo alemão que formulou diversas análises acerca do sistema dialético passando a analisar a finalidade e as deduções deste sistema para explicar toda a história da filosofia, da ciência, da arte, da política e da religião, mas muitos críticos modernos assinalam que Hegel geralmente parece analisar superficialmente as realidades da história, a fim de encaixá-las em seu modelo dialético.

Porque, enquanto este patenteia todos os cambiantes da cor e se erige ainda indefinido, segundo o predomínio variável dos seus agentes formadores, o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mameluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética, e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios e nas mesmas virtudes. A uniformidade, sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída (CUNHA, 2010, p. 141).

Apresentando as características dos sertanejos segundo as teorias do darwinismo social, definições de terminologias deterministas sobre o meio e as inferioridades das “raças”, Euclides fundamenta uma “teleologia do lamento”, quando põem em vigor que “Não temos unidade de raça. Não a teremos talvez nunca” (CUNHA, 2010, p. 104). Afirma com estas palavras, parte de sua concepção de sociedade e o que almeja para o Brasil. O autor afirma que estamos condenados a “civilização e ou progredimos ou desaparecemos” afirmativa, segundo este, segura.

A obra euclidiana valoriza algumas características físicas das chamadas sub-raças ou “selvagem” negro-banto e índio-guarani. A força, a adaptação corporal ao meio geográfico, eleva a sua formação corpórea, mas denigre sua estatura e modos de andar.

Para Euclides o elemento negro causaria na miscigenação sertaneja uma degeneração, pois apoiado nos estudos científicos que circulavam na sociedade a exemplo dos do psicólogo social Gustave Le Bon¹⁷, Euclides define que o responsável por uma formação intelectual degenerada do mestiço são os elementos das sub-raças indígena e negra, estes elementos que suprimem o estrutural intelecto português-branco-celta produzindo segundo o autor uma evolução regressiva¹⁸.

¹⁷ Gustave Le Bon define que a capacidade intelectual da raça branca é comprometida ao passo que o mesmo elemento se submete a sucessivas miscigenações com o elemento negro e indígena, considerados como inferiores intelectualmente através da ciência etnocêntrica europeia, afirmava através de estudos a supremacia da raça branca no aspecto intelectual, estes estudos passam a ganhar notoriedade como forma de propagar o ideal de civilização e justificar o domínio imperialista europeu no século XIX.

¹⁸ O pensamento euclidiano neste contexto se torna confuso, ao passo que o mesmo afirma a tenacidade do sertanejo em sobreviver ao meio, passando a concebê-lo como vigoroso e ao mesmo tempo disforme em sua fisionomia, ou seja, sua concepção de valorização do homem do sertão alterna entre características metaforicamente descritas como vivaz e degradantes. A evolução

Para este, a “raça” selvagem domina, se sobressai aliada ao meio como fator determinante. Contudo Euclides afirma que essa configuração étnica contribui para a formação de uma raça histórica:

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertamos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. Nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. (CUNHA, 2010, p. 104)

Outra afirmativa de Euclides da Cunha vem de suas leituras da escrita de Varnhagen¹⁹, quando este concorda com a percepção que o elemento nativo indígena passa a fazer parte da formação da sociedade nortista sem ser percebido a priori, não por extermínio e sim por virtude dos sucessivos cruzamentos, o que resulta em uma mestiçagem culminante no “sertanejo” luso-guarani, ou seja, formado em sua composição étnica através do elemento branco e indígena nativo.

O cunho, mormente científico²⁰ das análises euclidianas formam um olhar das representações de uma sociedade pautada em princípios científicos e progressistas, análogo ao paradigma cientificista em expansão na passagem dos séculos XIX – XX. Percebemos, entretanto, que esta não era uma realidade homogênea podendo apresentar discrepâncias e, portanto, realidades heterogêneas em detrimento do pensador social a ser analisado que, advindo de outra concepção de

regressiva refere-se, assim ao modelo de miscigenação aceito para o escritor, pois para o mesmo a mistura de “raças” entre o branco, o indígena e o negro causaria uma evolução corporal e degeneração intelectual. Para Euclides o tipo ideal de miscigenação, seria entre os elementos branco e indígena, pois desta forma se preservaria certas aptidões físicas, sem prejuízo para a formação intelectual do mestiço, ao passo que o elemento negro estaria fora desta relação.

¹⁹Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro, (São João de Ipanema, 17 de fevereiro de 1816 - Viena, 26 de junho de 1878) foi um militar, diplomata e historiador brasileiro. Escreveu a História Geral do Brasil I e II, em fundamentos ligados ao ideário positivista e institucionalizado no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) fundado em 1838. Sua produção e participação no órgão Imperial inicia-se em 1841, sua historiografia torna-se marco fundante da história nacional no século XIX, passando na contemporaneidade por várias análises historiográficas.

²⁰ Os críticos a obra de Euclides da Cunha remetem ao seu caráter descritivo o aspecto naturalista, enfatizando as suas descrições como leituras de questões científicas que circulavam em publicações no período entre os séculos XIX e XX. Para tais, o autor recai em erros ao requerer tais descrições para sua obra, pois o mesmo não dominava a ciência com a qual dialogava em sua obra. Aspectos antropológicos, biológicos e geográficos se misturam com uma sociologia para formar sua escrita, o que compete a este um caráter dualista entre ciência e senso comum.

realidade, formula percepções de embate ao pensamento social e científico vigente, contrastes possíveis na busca por definir o sentido e os lugares da ciência.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornar possível um paralelo entre ciência e sociedade se faz necessário para entender o pensar de Euclides da Cunha. Estudar um objeto sobre a luz de uma teoria é, portanto questionar como se construiu socialmente essa definição, entendendo as representações sociais como um limiar entre conhecimento científico e leigo, é explicar como a construção destes saberes são vistos e absorvidos em uma sociedade, partindo de uma perspectiva individual e coletiva em uma via dupla de sentidos.

Sentidos coletivos ou individuais constroem o que sabemos e absorvemos como moral e ciência, mas entendendo esta realidade como diversa propomos um questionamento destes parâmetros. Nesse sentido o conhecimento deve ser visto como um processo, ciência e senso comum fazem parte das dimensões sociais e, para tanto, devem considerar as relações entre fenômeno e criticidade, cabendo nesta uma correlação.

Ao estudarmos a obra “*Os Sertões*” objetivamos permearo pensamento do autor captando em sua escrita o que o mesmo define como ciência e, partindo disto, entender como se faz presente esta na construção de uma moral de sociedade pautada no chamado conhecimento científico, haja vista que a partir deste, se julga conceitos e qualidades étnicas adjacentes de pré-conceitos arraigados em uma estrutura de mentalidade vigente no período inicial republicano decorrente de processos anteriores a gênese da República e fundamentados no passado imperial e colonialista da nação.

Euclides da Cunha definia como miscigenação ideal a relação entre o elemento indígena e o branco, estes que não trariam prejuízo para a formação biológica e intelectual do ser sertanejo o remetendo a uma “civilização” futura. Ao passo que o elemento negro adentra-se nesta composição, a degeneração intelectual desta “sub-raça” os levariam a um comprometimento da evolução

biológica e social, seria então o lamento apresentado para o autor em seu pensamento.

O caráter dualista apresentado neste pensamento nos remete a relação da ciência e senso comum na sociedade da passagem do século XIX para o XX, ciência e moral são vistos confusamente e definem os padrões ideais para o social e a civilidade.

Entendemos, portanto, que os escritos de Euclides da Cunha podem apresentar o caráter histórico desta realidade ao passo que o mesmo traz em sua escrita à defesa de um modelo pautado na ciência e no progresso da República.

A concepção de um modelo de sujeito para o sertanejo passa então a vigorar como o cientificamente aceito, legitimando através do conhecimento no qual a moral social definia como ideal, o branqueamento das populações do Brasil pode desta forma ser visto como presente na escrita de “*Os Sertões*”, mas para além destas representações temos que a obra torna-se um importante documento para a percepção do pensar Brasil, sua formação étnica e sua realidade social.

Euclides se torna o marco de uma produção literária com características historiográficas que ao descrever o sujeito do interior do “sertão”, traz seus problemas sociais, suas lutas históricas e sua resistência às intempéries da natureza, e a ausência de um Estado que se pretende nação, mas exclui, oprime e massacra os sujeitos nele inseridos, que se negam a aceitar e reconhecer esta soberania.

ABSTRACT

This study aims to analyze the work "OsSertões" of Euclides da Cunha, in its first version in the year of 1902, the evidences of how he builds on his writing the conceptions of science and mestizaje for the backlander and its ethnic composition. Such analysis is contextualised in historical moment demarcated by the threshold of the transition from XIX century to the XX century, in which science ruled in the notions of progress and modernity has his defense in republican ideals that searching its foundations in scientific theories, to define what is Brazil from the patterns of a "civilized" Europe. In this context we have in our object, the writing of Euclides da Cunha, possibilities for understanding the historical referred moment, since the ideology of science and mestizaje of his time shapes his work. For this practice, we use as theoretical framework Chartier (1990) and Moscovici (2003), from which we appropriate of the concept of social representations through the method of evidentiary of Ginzburg (1989). According to Galvão (2000), when studying the book "OsSertões", we analyze the author's thought, capturing in his writing what he defines as science and, from this, we understand how this makes itself present in building a moral society.

Keywords: Euclides da Cunha. Science. Mestizaje. Representations.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Universitária/ UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

COSTA, Angela Marques da. SCHWACR, Lilia Moritz. 1990 – 1914: **No tempo das certezas** / coordenação Laura de Mello e Sousa, Lilia Moritz Schwacr. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (Campanha de Canudos)**. São Paulo: Martin Claret, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

_____. **Introdução à Sociologia**. Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: edições 70, 1970.

_____. **O processo civilizador**: A formação do Estado e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar. 1993, v. 2.

_____. **A sociedade de corte**: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric. J. **A era dos impérios**: 1875-1914. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A era do capital**: 1848-1875. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. 3 ed. Rev. e amplia. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Maria Luiza Tucci. **O racismo na História do Brasil**: mito e realidade. Ática: São Paulo, 1994.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. Rev.eAmpl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

VENTURA, Roberto. **Introdução ao Brasil – Um banquete no trópico**. 1ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Os Sertões”. In: **Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico / Lourenço Dantas Mota (organizador) – 3ª Ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.**

_____. **Euclidiana, ensaios sobre Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.